

Se o Software Livre é tão bom, por que mais gente não usa?

Aspectos da migração



Os dois temas que mais tenho abordado recentemente em palestras, entrevistas e mesmo em serviços pontuais de consultoria são “Modelos de Negócio para Software Livre” e “Aspectos de Migração para Software Livre”. Há vários pontos em comum entre os dois temas, mas está claro que, para que exista um “negócio”, deve haver do lado do cliente uma necessidade. Toda empresa está constantemente buscando melhorar seus processos e minimizar seus custos. Assim, a opção do Software Livre tem aparecido com alguma frequência para os CIOs e CTOs, normalmente puxada pela possibilidade de economia em tecnologia. Esse pode ser um bom começo de conversa, mas é a partir daí que algumas verdades devem começar a aparecer; dessa forma, o processo de migração pode ocorrer forma tranqüila e realmente trazer, para a empresa, benefícios que vão além daquela economia mensurada diretamente pela não-aquisição de licenças de software proprietário.

Hoje as soluções em Software Livre estão bastante maduras. Implantações de sistemas em Software Livre têm se consolidado em empresas e instituições dos mais variados tamanhos e naturezas. Já há bons “cases” de sucesso trazidos à público pelas revistas especializadas. Mesmo a mídia não especializada em

informática já tem trazido notícias sobre o Software Livre (um momento de glória foi ter visto na edição de setembro de 2003 da revista *Criativa* uma reportagem sobre o trabalho do grupo Gnurias [1]). A fase final da conquista do mundo está acontecendo diante de nossos olhos, com o desktop Linux aumentando sobremaneira sua participação no mercado, muitas vezes puxado por ações de empresas e instituições (como o Metrô de São Paulo, a Prefeitura de Rio das Ostras e a Univates, apenas para citar algumas) e apoiado pela organização de grupos de usuários que se ajudam entre si de maneira, muitas vezes, mais eficaz e rápida do que aquela que se obtém em canais formais de suporte. Contudo, ainda há muita gente que não embarcou nessa onda. Por quê?

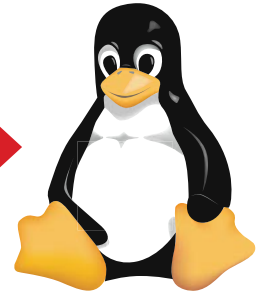
No final de 2002 Leslie Proctor, Diretora de Comunicação da OSDL [2] (*Open Source Development Labs*, onde hoje também trabalha Linus Torvalds), fez uma rápida pesquisa entre os responsáveis pela área de informática de pouco mais de 100 empresas listadas entre as 500 “grandes” da revista *Fortune*. Na época, ela verificou que, entre as pesquisadas, todas as empresas que trabalhavam com tecnologia de ponta (fornecedores de tecnologia) já utilizavam Software Livre de alguma forma. A grande maioria das empresas que tinham perfil tecnológico

(grandes consumidores de TI) também já utilizava o Software Livre. Faltava ao Software Livre penetrar nas empresas que adotam tecnologia com cautela e naquelas que só adotam tecnologia tardiamente. São empresas de perfil conservador, que não assumem riscos na área de tecnologia esperando que outros o façam primeiro.

Migração é mudança e toda mudança envolve riscos. De maneira geral, ninguém gosta de sair de sua zona de conforto, a não ser que surja uma necessidade ou vantagem muito grande. A cada vez que alguém, dentro de uma empresa, sugerir uma mudança, outros farão o possível para que essa mudança não ocorra, apoiados muitas vezes na tríade definida pela sigla F.U.D. em inglês: *Fear, Uncertainty and Doubt*, literalmente Medo, Incerteza e Dúvida. O marketing forte das empresas de software proprietário irá ajudar muito esses “outros” a tentar evitar qualquer mudança. Esse marketing está cada vez mais agressivo, o que é mais uma prova de que estão tentando evitar uma mudança já em andamento.

Para cada ponto que gere medo, incerteza ou dúvida em uma migração para Software Livre é possível encontrar uma resposta positiva. Não fosse assim, uma boa quantidade de empresas não teria histórias de migrações bem-sucedidas para

para Software Livre



dividir. O único motivo que um gestor de informática não irá conseguir justificar é a preguiça de partir para algo que será melhor para a sua empresa.

Mas voltando um pouco à questão do marketing, nós que nos propomos a ajudar as empresas a migrar para Soft-

ware Livre temos que deixar de cometer erros muito básicos que acabam dando munição ao F.U.D. Já temos opções de ambientes desktop profissionais e uma gama de aplicativos dotados de interfaces cuja qualidade salta aos olhos. Se, ao falarmos com o tomador de decisão de

uma empresa, tivermos que abrir uma tela preta para montar um CD ou inicializar uma controladora de ethernet, abrimos todo o espaço do mundo para comentários do tipo: “viu só, no outro sistema isso é muito mais simples”; “ih, tem que fazer como se fazia no DOS?”;

“já pensou nossos usuários tendo que fazer isso?”. Por mais que gostemos e tenhamos aprendido o poder da tela preta, temos que reconhecer que usuários de outros sistemas não estão familiarizados com ela e que nós mesmos temos alternativas à tela preta que só não usamos porque também já nos acostumamos. Nós também não gostamos de mudanças. Mas se queremos que nossos clientes mudem, nossa atitude também deve mudar.

Também não adianta partir para o ataque vazio à plataforma operacional que a empresa adotou até agora, ainda mais porque não podemos ser ingênuos a ponto de acreditar que nós mesmos não sofreremos ataques. Eu sempre gosto de conduzir a conversa perguntando se a empresa tem problemas com vírus, com indisponibilidade de servidores ou de alguns serviços específicos e, especialmente, se já fizeram alguma medição destas indisponibilidades. Não raro se chega à conclusão de que um vírus de computador afasta mais o usuário de seu trabalho do que o vírus da gripe. A partir desse exemplo pode-se expandir o assunto para vários outros.

Contudo, para toda migração de sucesso deve existir um plano. O gestor de informática de uma empresa deve ter cuidado com os pára-quadistas que oferecem soluções mirabolantes sem o devido planejamento e envolvimento dos principais atores da empresa. Migrações de final de semana, soluções “enlatadas” e outras ofertas devem ser vistas com extrema cautela. Um bom plano de migração deve começar por uma avaliação detalhada do que a empresa já possui, quais os problemas que já enfrenta e quais os motivos mais importantes que podem justificar a migração. A avaliação dos custos e da economia deve ir além da simples conta das licenças que não serão mais pagas; ela deve considerar também um maior

uso dos recursos em função da maior segurança, estabilidade e disponibilidade dos sistemas propostos. O Software Livre ainda permite, em muitos casos, a preservação de investimento em equipamentos que poderiam ser considerados obsoletos. Tudo isso deve ser levado em conta.

A alta direção da empresa e seus funcionários devem ser envolvidos. A migração para Software Livre deve trazer benefícios para todos e o planejamento da migração tem de tornar esses benefícios bem claros já no início do processo. Bons colaboradores gostam de receber treinamento; um plano de capacitação na nova plataforma é um benefício tangível e absolutamente necessário. Muitas empresas usam sua política de comunicação interna para motivar os funcionários a participar de programas de qualidade, prevenção de acidentes e outros com a distribuição de pins, camisetas, canetas. Isso também pode ser pensado como motivação para a migração para o Software Livre.

Caso um consultor externo seja contratado para dar apoio à migração, ele deve ter consciência de que a empresa conhece bem seu próprio negócio. Os funcionários da área de TI, mesmo não familiarizados com Software Livre, estão por dentro dos processos internos, da relação com os usuários e, muitas vezes, participaram no desenvolvimento dos sistemas que estão em uso. Todo esse conhecimento acumulado deve ser utilizado em benefício da empresa, minimizando problemas durante a migração dos dados e garantindo a manutenção do bom relacionamento com os usuários. Ao mesmo tempo, os funcionários da área de TI devem estar cientes de que o consultor fará um serviço pontual, trazendo um olhar externo não viciado pelo dia-a-dia da empresa, que os ajudará a melhor avaliar prioridades e montar

os cronogramas de desenvolvimento e capacitação que contribuirão com o sucesso da migração.

O processo de migração deve ainda contemplar um ambiente de testes dos novos sistemas e ambiente. Conforme o tamanho da empresa, muitas vezes é recomendável a criação de um “comitê de migração” formado por algum membro da alta direção, por pessoas da área de TI e por representantes de cada sistema que será migrado. Esse mesmo grupo poderá servir como coordenador das atividades de teste, garantindo o compromisso de todos os envolvidos (desde que devidamente imbuído desse poder pela alta cúpula da empresa).

Durante todo esse exercício de planejamento, alguns efeitos colaterais benéficos podem ser incentivados. Hoje a área de TI é crucial para o sucesso da maioria das empresas. O Plano Diretor de Tecnologia da Informação deve estar alinhado ao planejamento estratégico da própria empresa. O processo de migração pode levar a esse alinhamento. Além disso, processos que podem até o momento não estar documentados podem passar a estar, buscando a melhoria contínua dos mesmos. ■

SOBRE O AUTOR

Cesar Brod [3] trabalha na área de informática desde 1982. Começou a trabalhar com o Gnu/Linux em 1993 e, desde então, tem acompanhado a evolução desse sistema operacional. Atua como consultor independente e também como gestor dos recursos de informática da Univates, Centro Universitário. É também um dos fundadores da Solis, Cooperativa de Soluções Livres.



INFORMAÇÕES

[1] Gnurias: www.gnurias.org.br

[2] OSDL: www.osdl.org

[3] Brod Consultoria: www.brod.com.br